

PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA

SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO ACOSTINHO



CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO – NUAPE

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA
Publicado por UNIFSA em associação com Lestu Publishing Company
Design Gráfico, Editoração e Organização: Ana Kelma Cunha Gallas
Preparação de originais: Edson Rodrigues Cavalcante
TI publicações OMP Books: Eliezyo Silva
Lestu Publishing Company: editora@lestu.org



Este título possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives* 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2018 UNIFSA/LESTU

Todos os capítulos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados na XVI Semana Científica - 2018, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U58 GALLAS, Ana Kelma Cunha.

Práticas exitosas e inovadoras em pesquisa: trabalhos premiados na XVI Semana Científica do UNIFSA – SEC 2018 | Centro Universitário Santo Agostinho / Ana Kelma Cunha Gallas (Org.). Teresina: UNIFSA, 2018/ São Paulo: Lestu, 2018.

312 p. *online*.

ISBN: 978-65-996314-0-5

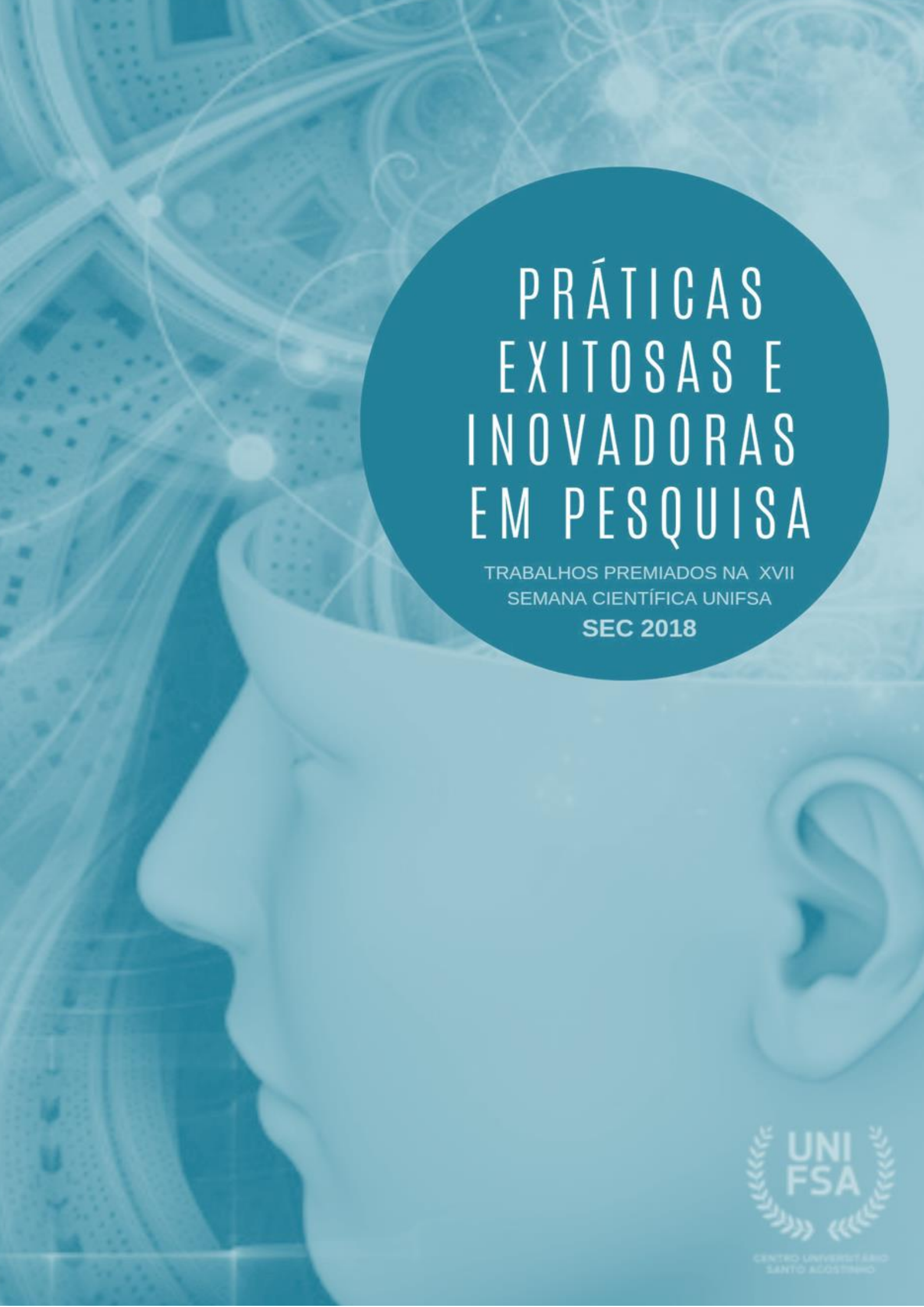
DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-0-5

Disponível em: <https://lestu.org/books/>

1. Semana Científica. 2. Pesquisa. 3. Inovação. 4. Sustentabilidade. 5. Ciência.

I. GALLAS, A. K. C. (Org.). II. Título. III. UNIFSA. IV. SEC 2018

CDD: 904.



PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA

SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

8

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O CORPO NEGRO NA REVISTA RAÇA¹

Edvaldo Cesar da Silva Oliveira²
Luís Otavio Teles Assumpção³



RESUMO

O objetivo do estudo é fazer uma análise das falas contidas na revista Raça e como essa revista promove a valorização do corpo negro no combate ao racismo e os processos de discriminação racial. A Metodologia foi qualitativa do tipo interpretativa, realizando investigação nas publicações da Revista Raça, a seleção da revista para análise se deu, por seu alto grau de publicações sobre a temática negra e sua aceitação no mercado. Instrumento foi leitura e seleção de textos da revista que promovam relações com o corpo negro e sua relação social, amostra composta de 02 revista de anos diferentes para ter maior amplitude de interpretação. A análise do texto retirado foi baseada na análise do discurso. Resultados, uma questão recorrente é a ideia do vigor físico, algo constante dentro do pensamento social sobre o negro a ideias que somente atividades relacionadas ao capital físico serem os mais propensos para a comunidade negra, **“os únicos rostos negros mais próximos das suítes dos executivos de Hollywood são os dos seguranças”**, As dificuldades para a aceitação do negro nos diferentes campos e espaços midiáticos(jornais, revistas, televisão, cinema) **“Ingressar neste meio não é fácil principalmente para uma menina muito jovem e negra”**. Considerações finais o combate ao racismo é algo constante e prevalente dentro da comunidade negra em diferentes frentes de resistência e enfrentamentos, ficando o campo midiático um local fértil para desenvolver e chamar a sociedade para o debate.

Palavras Chaves: Negro. Corpo. Mídia.

INTRODUÇÃO

As ideias de controle e manipulação social através da propaganda midiática, são observadas em nossa história social em diferentes momentos históricos. A mídia consegue manipular o imaginário das pessoas de acordo com as necessidades existentes. “A ideia de

¹ Trabalho apresentado na XVI Semana Científica do Centro Universitário Santo Agostinho – SEC 2018, evento realizado em Teresina, de 29 de setembro a 5 de outubro de 2018

² Mestre, Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí, edvaldooliveira32@hotmail.com

³Doutor, Universidade Católica de Brasília, luiso@ucb.br

imaginário, que durante muitos séculos ficou 'abandonada' em função da dominação de determinadas filosofias racionalistas, se tornou recorrente no dia a dia, entrando na linguagem do cotidiano da sociedade contemporânea com grande destaque" (MAROUN; VIEIRA, 2008, p.178).

O imaginário possui o campo fértil da proliferação de ideias em nossa sociedade. Para Augras (2000) o imaginário concerne todas as criações do homem. Segundo Maffesoli (2001, p.10), "o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade. O imaginário estabelece vínculo, é cimento social, ultrapassa o indivíduo, impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo". Diferentes "corpos, carregam consigo elementos históricos, éticos, étnicos, técnicos, filosóficos e políticos que devem ser estudados e praticados" (OLIVEIRA; PEREIRA; et al,2009, p.03) faz com que diferentes concepções de corpos sejam construídas, alguns aceitos outros discriminados e rejeitados. Os diferentes corpos extrapolam essa identificação para questões de gênero e sexualidade. O profissional de educação física deve compreender os sentidos, símbolos e significados - expressos segundo algum/alguns dos imaginários circulantes, e não aquela ideia do corpo midiático, constituído de pessoas brancas, magras, heterossexuais. Por tudo isso, o objetivo desse estudo é fazer uma análise das falas contidas na revista Raça e como essa revista promove a valorização do corpo negro no combate ao racismo e os processos de discriminação racial.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi qualitativa do tipo interpretativa, exige observação aprofundada e rigorosa da situação dos sujeitos no contexto da pesquisa, faz parte de um projeto de tese de doutoramento aprovado pelo comitê de ética da Universidade Católica de Brasília com o parecer número 2543614/18. Foi realizada investigação nas publicações da Revista Raça procurando identificar a visão de corpo desenvolvida. A seleção da revista para análise se deu por seu alto grau de publicações sobre a temática negra e sua aceitação no mercado.

O instrumento da pesquisa foi leitura e seleção de textos da revista que promovam relações com o corpo negro e sua relação social. A amostra foi composta de 02 revista de anos diferentes para ter maior amplitude de interpretação. A análise do texto retirado foi

baseada na análise do discurso que segundo Moreira, Simões e Porto (2005, p.110), “prevê o relato ingênuo do sujeito investigado, em que o pesquisador procura entender o discurso formulado por ele”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Movimento Negro (MN) é uma das articulações sociais mais exitosas da história do país. É o MN que vai combater e destruir o mito da democracia racial; desenvolver ações de resgate da autoestima da população negra. “E vai formular e pleitear políticas compensatórias para combater as desigualdades geradas pela discriminação e pelo racismo” (SANTOS, 2009, p.88).

Essa associação pejorativa de Raça foi que levou a ampliação do termo para Negritude e com isso mostrar a importância de ser e se assumir negro numa sociedade muitas vezes ‘preconceituosa e segregativa. Na verdade, isso foi consolidado principalmente para justificar e “legitimar sistemas político-econômico e sociocultural hierarquizados entre povos e mantedor de um estado de coisas existentes” (SOUSA,2010, p.26).

Os pensamentos racistas que permeiam nossa sociedade muitas vezes ganham forma no imaginário coletivo de parcela da população através de propagandas midiáticas vigentes. Causando situações constrangedoras para comunidade negra. Principalmente por fugir do padrão midiático de beleza pautado na brancura, cabelos lisos, ou pior sofre assédios por suas formas corporais definidas que no passado levantava a curiosidade e o desejo sexual de parte da sociedade dominante branca.

O termo racismo advém do conceito de Raça, pois atribui uma tensão social para quem usa e principalmente para quem é classificado. No conceito de Raça, fica claro, que sua criação e utilização as vezes foi feita para desqualificar ou imputar diferenças bastantes segregativas dentro do contexto social proposto, “seja como palavra de uso comum ou de definição conceitual, sabemos quando podemos empregá-la de forma a afrontar, desconcertar” (SOUSA,2010, p.22). Quando nos referimos a assuntos relacionados a comunidade negra é quase inevitável a discussão sobre os entendimentos referentes aos conceitos de Raça, Etnia e agora mais recentemente como uma extrapolação desses últimos, Negritude.

A terminologia Negritude aparece por volta da década de 30 em uma poesia de Aimé Césaire, poeta martinicano. No dicionário Frances esse termo foi apresentado como “conscientização, atitudes, sentimentos, posições políticas, valores morais, espirituais, psicológicos”, por conta de sua ampla definição, esse termo causa perturbações no momento de sua explicação. (FERREIRA, 2006, p.172). No dicionário Aurélio o termo Negritude possui um significado também bastante complexo, A palavra se forma a partir de negro + -idade, sufixo latino que significa “qualidade”, “maneira de ser”, “estado”, “propriedade”. Sendo exposta no nosso dicionário até hoje com essas múltiplas interpretações, “estado ou condição das pessoas da raça negra; Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista” (FERREIRA,2010; FERREIRA, 2006, p.10).

Uma questão recorrente é a ideia do vigor físico, algo constante dentro do pensamento social sobre o negro a ideias que somente atividades relacionadas ao capital físico serem os mais propensos para a comunidade negra o que não é verdade, o movimento de negritude deve quebrar esse paradigma físico.

Os únicos rostos negros mais próximos das suítes dos executivos de Hollywood são os dos seguranças”
(RAÇA, nº107, ano 11, Fev,2007 p. 25)

“Aprisionando em estereótipos que foram filmados desde o período da chanchada”
(Jeferson de diretor de cinema, Raça, 2007, p.79)

Raça não pode ser substituída por Etnia para demonstrar certos aspectos da Negritude. A construção do conceito de Etnia devia permitir que fossem “compreensíveis os padrões que estabelecem a agregação ou o afastamento das populações humanas, sem que para isso tivessem que recorrer a explicações baseadas em racionalidades biológicas” (SOUSA,2010, p.29). Quando verificamos os esportes praticados em sua maioria por pessoas abastardas com uma maioria branca e ter como expoente principal um negro, devemos entender como um avanço na construção desse novo pensamento acerca da sociedade negra”. Negritude seria a ampliação desses entendimentos para algo bem mais importante que é a importância empoderada que o termo traz para o negro”

(MUNANGA,2004, p.5). Devemos ficar atentos ao poder alienador que a mídia pode causar na população, criando uma nuvem de fumaça para disfarçar seus verdadeiros objetivos, fazendo com que o imaginário coletivo seja alimentado com diferentes ideias muitas vezes racista e preconceituosas sobre a comunidade negra. O mundo imagina/contamina todos os campos da vida social, seja ele qual for (MAFFESOLI, 1993).

“Tem cara preta na Fórmula 1”

(RAÇA, nº107, ano 11, Fev, 2007 p. 25)

As dificuldades para a aceitação do negro nos diferentes campos e espaços midiáticos (jornais, revistas, televisão, cinema) da sociedade são bem claras nas falas, pois mostra que ainda existe um padrão seguido quase dogmaticamente e quando esse padrão é quebrado aparece a Negritude para defender formas menos discrepantes de acesso a bens materiais e simbólicos para todos. Seria a luta simbólica dentro da sociedade que discrimina e agrega negatividade a tudo que for relacionado ao negro, a visão estereotipada do negro está carregada de ideias negativas com muitos preconceitos envolvidos e reproduzidos. O negro está associado a feiura, sujeira, emocionalidade, exotismo, e ainda, a condição de sensitivo, superpotente para o sexo e para o trabalho braçal. Conforme foi exposto em alguns texto e/ou ações que, “não somente esvazia de sentido, como também desqualifica sujeitos negros, ao referenciá-los como portadores de caracteres estranhos à noção de humanidade. Tornar-se branco seria, para o negro, a única forma de tornar-se gente”, por isso exercer a Negritude é defender formas menos discrepantes de acesso a bens materiais e simbólicos para todos os cidadãos e cidadãs negros (SOUSA,2010, p.35).

“Ingressar neste meio não é fácil principalmente para uma menina muito jovem e negra”

“O negro na tela tem sido modismo. Muitos desses filmes têm se apegado ao lado folclórico da cultura negra”
(RAÇA, nº107, ano 11, Fev,2007, p.55)

Para os cidadãos e cidadãs negros “é necessário romper com o modelo de cultura europeia” conforme observado por Sousa,2010, p.35 e bem ilustrado no

pensamento acima explicitado, apesar das dificuldades em se romper com essa ideia de negro como forma pejorativa ou estereotipada do branco. “Um dos objetivos fundamentais da negritude era a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros” conforme observado por Munganga, 2004, p.02.

Nós negros estávamos carentes de uma representação decente na publicidade. Cresci vendo propagandas de TV e revistas exibindo mulheres brancas na maioria loiras. Cresci querendo ser uma das Paquitas, mas todas eram brancas e loiras... Essas coisas têm um peso muito grande na autoestima da gente, principalmente, quando se é criança. Talvez, por isso, muitos negros crescem pensando que o branco é sinônimo de superioridade e nós, o contrário. Ser negro é símbolo de lutas e vitórias. Sinto orgulho em ser descendente daqueles que foram a base do desenvolvimento do Brasil e que, apesar de todos os problemas (discriminação, exclusão, falta de qualidade de vida etc.), conseguem sorrir e muitas vezes ir contra as estatísticas (Lucyana da Silva, Eu na Raça, 2008, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender que o combate ao racismo é algo constante e prevalente dentro da comunidade negra em diferentes frentes de resistência e enfrentamentos, ficando o campo midiático um local fértil para desenvolver e chamar a sociedade para o debate desse problema tão recorrente no Brasil, ficando a revista Raça um veículo de luta forte no processo de combate ao racismo e a discriminação e injúria racial ainda existente em nosso país. É importante fazer dessa discussão uma constante dentro do cenário acadêmico, pois isso possibilitara a formação de pensadores mais conscientes sobre as questões da trajetória do negro do Brasil e seus futuros desdobramentos mais otimistas para um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique Mil janelas: teóricos do imaginário. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.107-131, 2000.

FERREIRA, Lígia F. “**Negritude**”, “**Negridade**”, “**Negrícia**”: história e sentidos de três conceitos viajantes. USP: Via Atlântica nº 9, p. 163 – 183, jun/2006. Disponível <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via09/Via%209%20cap12.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, Editora Positivo, SP, 2010.

HARAWAY, Donna J. Raça: doadores universais numa cultura de vampiros. *In: Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_Oncomouse™*. New York; London: Routledge, 1997. p. 01-46 [Tradução livre de Sandra Maria da Mata Azerêdo]

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. n.15, p.74-81, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Os imaginários sociais. **Psicologia e Práticas Sociais**, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.5-22, 1993.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdos: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *In: Revista Brasileira de Ciências e movimento*, Brasília-DF, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**, Niterói, n. 5, p. 15-34, 2004.

OLIVEIRA, Edvaldo Cesar da Silva; PEREIRA, Diogo Lousada A.; PRADA, Davi de Melo; ANDRADE, Francisco Jose Morácio de. atividade física e qualidade de vida no imaginário dos alunos de educação física da face/Teresina – Piauí, **Educação Física em Revista**, v. 3, nº 3, 2009.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil, **Rev. bras. Ci. Soc.** V..24, n.70, SP, June, 2009.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. raça, etnia e negritude: aportes teórico-conceituais para debates, **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 4, n. 3, p.18-45, agos 2010.

